

Ataque ao Chai contado por

• Antigo cozinheiro do administrador ficou ferido numa perna

A história do primeiro tiro que rasgou a longa trave colonial e abriu um período de combate sem tréguas, que 10 anos mais tarde destruiu a dominação estrangeira no nosso País, vem hoje a lume, pela primeira vez relatada por um moçambicano sobrevivente que a viveu do lado de cá. De seu nome Ahmad Sique Burahimo, este moçambicano servia no Posto Administrativo de Chai, como cozinheiro. Ele próprio ficou ferido numa perna, quando na noite de 25 de Setembro de 1964 as balas do fogo liber-

tador visaram o posto fortificado da Administração colonial em Chai. Mas, como que arrastado pelos ventos da liberdade, daí em diante ingressou na luta clandestina, onde desenvolveu intensa actividade de mobilização, recrutando jovens para a luta armada e distribuindo cartões de membro da FRELIMO, então conhecidos pelo nome de «Nkadi», a cada vez maior número de patriotas aderentes à causa da libertação nacional.

de roubar cabritos, galinhas e outros bens, espancava brutalmente a população e tinha grande prazer em dar ele próprio palmatoadas ...

O CENÁRIO DO ATAQUE

O lugar escolhido pela FRELIMO para o ataque que marcou o desencadeamento da Luta Armada de Libertação Nacional, no Posto de Chai, resumia-se a pouco mais de meia dúzia de edifícios, nomeadamente uma secretaria, a casa do chefe do Posto, a casa do gerente da Companhia Algodoeira de Sagal, dois estabelecimentos comerciais, hospital, prisão, casernas de soldados e residências de polícias brancos e de cipaíes.

— No dia do ataque, havia uma festa em casa do administrador, porque um dos seus três filhos fazia anos. Nessa festa, além da mulher e filhos do administrador es-

No começo de Setembro em curso, fomos encontrá-lo em sua casa, na Aldeia Comunal da sede da localidade de Chai, onde ainda vive.

peixe fresco a toda a comunidade.

O COMEÇO DA VIDA

Aparentando seguramente

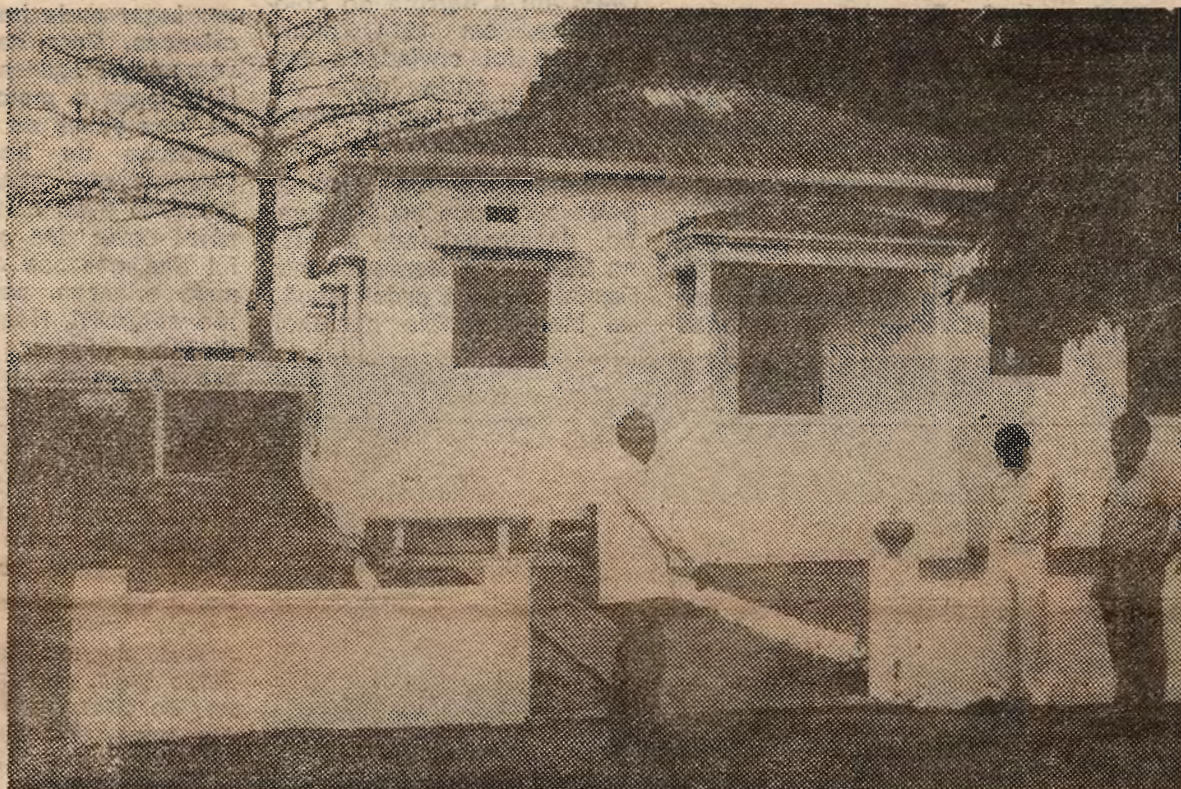
prego em Macomia, iniciando-se na aprendizagem do ofício de cozinheiro de um administrador colono, de nome Estrela Baptista. Volvidos quatro anos, este admi-

no Posto e, ao ver o meu documento, o administrador perguntou-me se eu não queria vir trabalhar para ele como cozinheiro. Respondi-lhe que gostaria de trabalhar perto da minha família, mas não queria ter problemas com o administrador de Macomia. Os dois administradores falaram sobre o assunto e entenderam-se, foi assim que mudei-me para cá — conta Ahmad Burahimo.

Nesse tempo, conforme conta Ahmad Burahimo, a actual localidade-sede era mato. O chefe do Posto vivia numa barraca coberta de capim, que servia simultaneamente de habitação e administração, onde a população afluía para pagar os seus impostos.

Foi esse primeiro administrador desta zona que mandou limpar o local, para se dar início à construção dos edifícios em alvenaria do Posto administrativo. Primeiro mandou construir o gabinete do administrador, depois a residência. Mas antes desta estar concluída ele foi transferido e veio o administrador Alberto da Silva. Foi no tempo deste que se concluiu a construção da residência do chefe do Posto e se edificou o hospital e a maternidade.

— Continuei a trabalhar — adianta Ahmad Burahimo — durante alguns anos, até que este administrador foi transferido, seguindo-se vários outros. Anos mais tarde, veio o administrador Felquelras. Este era particularmente mau para a população. Além



«Foi aqui que o administrador calu, ao ser atingido mortalmente no peito pelos guerrilheiros», afirma Ahmad Burahimo

Estava rodeado das suas duas mulheres e alguns dos 12 filhos. Na Administração haviam-nos dito que Ahmad Sique Burahimo abandonara o emprego de cozinheiro, após a Independência e passara a dedicar-se à pesca num lago próximo da zona, sendo hoje o fornecedor de

15 anos mais velho do que os 45 que o seu Bilhete de Identidade lhe atribui, Ahmad Sique Burahimo é natural de Niassa, de onde saiu ainda criança, juntamente com seus pais, para Cabo Delgado, fixando-se inicialmente em Quissanga, depois em Chai.

Bastante novo, obteve em-

nistrador foi transferido para Quissanga, depois regressou a Macomia e, em todos estes lugares, Ahmad Burahimo acompanhou-o.

— Um dia, já homenzinho, vim de Macomia para o Chai, a fim de visitar meus pais. Como trazia salvo-conduto (uma espécie de guia de marcha) fui apresentar-me



Aqui, c



Este é um aspecto parcial da vila de Chai

um sobrevivente

tavam presentes o gerente da Sagal, sr. Ventura, sua mulher e uma filha. Na varanda, estavam um polícia branco, que guardava o administrador e seis cipaíes.

A dado momento da festa, ao entardecer, chegou ao Posto o régulo Malane, da povoação do mesmo nome, hoje designada Litandakua. Ele veio dizer ao administrador que tinha avistado pegadas estranhas numa picada da sua zona.

— O administrador mandou o régulo esperar. Passado pouco tempo seguiu com ele para o lugar indicado, juntamente com dois polícias e um cão-polícia, no «Jeep» da administração. Demoraram muito tempo lá e no seu regresso o administrador passou pela casa do régulo Dimwalo, a quem disse que devia prestar muita atenção porque tinha entrado gente estranha na região — recorda Ahmad Burahimo.

E O ATAQUE

A noite já ia em meio quando o administrador e seus acompanhantes regressaram. A festa já havia terminado e os convivas tinham regressado a suas casas.

— Acompanhado pelos dois polícias e pelo cão, o administrador dirigiu-se, no seu regresso, directamente à secretaria da administração. Mas, ainda com o carro a trabalhar, ouviu-se de repente uma descarga de tiros. Ele saiu do carro a correr, em direcção à residência, onde tinham ficado sua mulher e filhos.

Já à entrada do quintal da sua residência, o administrador Felqueiras apanhou tiros no peito e quatro metros mais adiante caiu, antes de atingir a escadaria da varanda, ficando ensopado no seu próprio sangue.

Ahmad Sique Burahimo ainda se recorda de ter visto,

quando o tiroteio cessou, dois polícias, a mulher do administrador e o gerente da Sagal, que regressara alertado pelos tiros, carregarem o ferido para o interior da residência. Esvaindo-se em sangue, ele permaneceu moribundo toda a noite, até que na manhã seguinte foi transportado para Porto Amélia, onde veio a falecer.

TESTEMUNHA É FERIDA NA PERNA

— Entretanto — é ainda Ahmad Burahimo que nos conta — quando eu estava a sair da cozinha pelas escadas traseiras, para me esconder no quintal, um tiro apanhou-me na perna, perto do joelho e caí, rebolando pelas escadas abaixo. Já no chão rastejei uns 20 metros e escondi-me atrás da mangueira no quintal. Foi aqui que vi um polícia a ser atingido por um tiro a meio da testa e cair morto. Um outro polícia escondido entre o muro do quintal e uma casa, também recebeu um tiro e morreu logo, quando estava a levantar a cabeça para apontar a sua arma.

Segundo o nosso entrevistado, o segundo polícia foi morto no momento em que Alberto Joaquim Chipande, então comandante do grupo de guerrilheiros atacantes se aproximava dele, do lado de fora, encostado à parede do quintal, para o pegar à mão.

Quando o combate terminou, os guerrilheiros deixaram no terreno dois polícias mortos, o administrador Felqueiras mortalmente atingido, um cão-polícia também abatido e vários feridos entre os cipaíes e o pessoal auxiliar da administração.

REPRESSÃO ABATE-SE SOBRE A POPULAÇÃO

— Depois disso vieram para o Posto de Chai o administrador Fonseca e um seu adjunto, de nome Rui de Pinho. Este era extremamente cruel, logo após a sua chegada começou a matar gente. Com o pretexto de que estava a «limpar terroristas», como ele dizia, enforcava pessoas e deixava-as penduradas nas mangueiras, às vezes cortava o pescoço e espetava as cabeças para todos verem. Num só dia, em plena secretaria da administração matou com as suas mãos cinco pessoas. Ele fazia coisas horríveis, um dia vi-o a espetar um prego na cabeça de um homem. Martelava e enterrava o prego todo na cabeça, depois mandava a pessoa ir para casa, é claro que essa pessoa nem dava cinco passos, caía e morria logo.



«Estava a fugir por estas escadas traseiras quando fui atingido por um tiro aqui na perna, onde se vê esta cicatriz», Ahmad Burahimo

Ahmad Burahimo continuou a trabalhar com os novos representantes da autoridade colonial. Mas, o ataque conduzido pela FRELIMO já lhe havia criado na cabeça muitas dúvidas sobre a legitimidade do poder colonial. Tais dúvidas eram reforçadas não só pelas barbaridades cometidas pelo adjunto do novo administrador, como também porque ele próprio passou a ser ameaçado pelo administrativo sanguinário, com palavras tais como «falta você! Um dia também corto-lhe o pescoço. Aí é que você vai fazer lindos petiscos com a sua cabeça!»

PROMOÇÃO DO CRIMINOSO

Velvidos alguns anos, o torcionário Rui de Pinho foi transferido para a localidade de Murrébwe, no distrito de Pemba. A população de Chai respirou um certo alívio. Mas cerca de dois anos depois, ele regressou a Chai, desta feita já na qualidade de administrador, lugar que ocupou até à derrota do colonialismo.

— Já não suportei mais, despedi-me da administra-

ção, porque não podia aguentar trabalhar como cozinheiro daquele administrador. Isso foi no período mais quente da guerra, com o pretexto de visitar familiar em Niassa, desliguei-me definitivamente da administração.

A sua saída dos quadros de pessoal da administração coincidiu praticamente com o ingresso nas fileiras da FRELIMO, onde após adquirir o seu «Nkadi», passou a ser um importante «contacto» da Organização na zona, sendo responsável pela distribuição de cartões de membro a novos aderentes e recrutamento de jovens para a Luta Armada.

— Para sobreviver vi-me obrigado a adquirir um pequeno barco, com o qual passei a pescar no lago do Chai. Enquanto isso ia desenvolvendo o trabalho político, em condições muito difíceis, porque já havia a PIDE. Para não sermos descobertos tínhamos que esconder os cartões da FRELIMO num oleado que era enterrado ou no mato ou no interior da casa — disse-nos Ahmad Burahimo, a finalizar a longa conversa que com ele mantivemos.



caiu um polícia português atingido na testa

